

Insulares e marginais

A promessa de qualidade de vida e o habitual modo de vida. O prometido e o usufruído. Vastas áreas a serem compartilhadas. Dimensão de solidão, lentidão e duração. É estar na varanda e ver o casal que fuma cigarros e lê e-mails no laptop, e a faxineira que penteia a planta ensolarada. O som é realmente estranho. Helicópteros e marretas (muitas marretas em distâncias variadas) e ventos e apitos de rádio. O som não condiz com a imagem tranquila que se tem daqui de cima. Não vejo alma viva circulando pela área. 28

espreguiçadeiras ao sol. Conforme as manhãs chegam, o cheiro ruim se ameniza, o barulho diminui. O estar faz. À noite as ruas estão vazias porque todos correm. Sinto-me um ser humano pleno até sair pelas muitas grades que me separam das vias realmente públicas e perceber como é bom caminhar até a padaria e pegar o metrô para ir ao centro da cidade, ver um filme, tomar uma cerveja com os amigos que encontrei sem querer pelo bairro. Eles vivem na água porque querem viver para sempre. A sensação de distância é muito superior aos quilômetros percorridos. Conforme avanço pela linha dos postes, detectores de ausência, ouço vozes e gritos vindos dos apartamentos mais avantajados. Festas e jantares íntimos. Que lugar mais estranho onde durmo por onze horas ininterruptas. Já não estou entre as grades e, curiosamente, sinto-me desprotegida. Tenho a sensação de que alguém pode saltar do meio do mato para me atacar. A bolha faz isso com a gente. Vejo um prédio em construção e um canteiro em sondagem. Vivo a promessa de um bairro. Do alto, entre os vergalhões que se empenham transversais ao horizonte, avisto os terrenos preparados como tanques de grama, que um dia terão mais de 500 pessoas morando em verticais. Entro num futuro duplex, com seu fosso que um dia será piscina, enquanto tudo é cinza-cimento, cinza-concreto, cinza-poeira. É a ruína do que ainda não é.

Sobre piscinas. Pequenos territórios aquáticos em cima do mangue. A lagoa e os milhões gastos em poças artificiais, de azul reluzente, cloro e salva-vidas. As águas do Camorim se reúnem às do Anil, mas não se misturam. O verde e o preto se encostam mas não se alteram, limítrofes. Na paisagem da minha varanda, a perspectiva é dada por linhas sobrepostas e rasgos verticais como anteparos. Tudo o que vejo está na altura dos meus olhos, até o guarda-corpo da varanda, do qual preciso me desvencilhar para então ver o

horizonte. As plantas estão bem mais verdes. Os tons se separam e é bonito de ver como o bosque fica incrível depois da chuva. Difícil separar o que se molda do que rui, porque na verdade o que rui também está se moldando com o tempo. Margarida é de Passa e Fica, é passifiquense. Não é o nome de um rio, mas de uma bodega que deu início à cidade. Pense numa birosca no meio da estrada que começa a agregar gente, que faz casa, que faz povoado, que faz cidade. É o contrário daqui, onde se faz casa para agregar gente e para só então fazer a birosca.

Luiza Baldan, setembro 2010.